

A CASA TOMBADA

Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

CARTAS ERRÁTICAS

Aline Shinzato da Silva

Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Dra. Edith Derdyk, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu "Caminhada como Método para a Arte e a Educação"

2020

RESUMO

Um passeio através de memórias e registros de experiências que levaram a minha formação pessoal como artista e caminhante, passando por questões que cercam a atenção e o “fazer nada”, e a construção de novos horizontes a partir da formação na A Casa Tombada.

PALAVRAS-CHAVE: caminhada e atenção. o fazer nada. caderno de viajante. a arte do efêmero.

ABSTRACT

A walk through memories and records of experiences that led to my formation as an artist and as a wanderer, including issues and themes that surround the subjects of attention and “doing nothing” and the development of new horizons after my post-graduation in “A Casa Tombada”.

KEYWORDS : walking and attention. doing nothing. traveller’s journal. art of the ephemeral.

Cartas erráticas

Aline Shinzato

Trabalho realizado sob a orientação da
Profa. Dra. Edith Derdyk, em exigência parcial, para a
obtenção do certificado de especialista, como concluinte
do curso de Pós-Graduação Lato Sensu “Caminhada
como Método para a Arte e a Educação”

2020

início

*(ou o que me levou
até a A Casa Tombada)*

Para contextualizar: sou Aline, 27 anos, mulher cis, brasileira, queer, mestiça de ascendência japonesa, artista visual e designer gráfica. Cresci na zona leste da cidade de São Paulo e lá morei até meus 25 anos.

Primeiras caminhadas

Iniciei minha pesquisa sobre caminhada em meados de 2013, quando me deslocava por longas horas para ir e vir do trabalho e faculdade. Ainda não sabia que aquilo era uma pesquisa, mas o exercício de observar e registrar o trajeto se tornou uma.

A janela do ônibus parecia ser uma ótima interface com o mundo, buscava reconhecer pessoas, gestos, cantos e esquinas como faria em relação a constelações. Depois, a caminhada também passou a ser uma interface.

A ideia de poder andar a pé (e não de transporte público ou particular) por um trajeto longo que fazia parte do meu cotidiano me encantava; quase como nos encantam aquelas coisas tão básicas e comuns que costumam nos chegar prontas e, de repente, percebemos que podemos fazer por conta própria (como fazer um pão, construir uma cadeira ou encadernar um livro). Caminhar me lembrava que existem outras maneiras de se fazer as coisas.

Nas aulas da graduação em Artes Visuais não conseguia produzir sentada, no ateliê, e me dei conta que o meu ateliê, na verdade, acontecia em movimento.

Ressonâncias e reentrâncias

Sempre que preciso explicar para alguém sobre a pós da Caminhada, lembro de um texto que li há muito tempo. Não é um grande texto, não tem a ver diretamente com caminhada, mas é uma ideia que sinto ser central para eu pensar o que me motiva a caminhar.

Antes de trazê-lo, uma memória: quando aprendi a tocar violão, achei fascinante o processo de afinação do instrumento. Uma corda vibra sozinha quando outra corda com a mesma tonalidade é tocada. Quando li o texto, um obituário de Benoît Mandelbrot (um matemático polonês) que mencionava sua teoria dos fractais, senti o que acho que uma corda sentiria ao ser afinada.

Mandelbrot propôs que se imaginasse uma cena: um homem caminha pelo litoral, sempre o mais perto possível do mar, e a cada passo deixa uma pegada. Quando reencontrar o ponto de origem, a linha que une todas as suas pegadas representará o comprimento da costa. Substitua-se agora o homem por um lagarto. Incapaz de, num só passo, cobrir com suas patas a mesma distância de um passo humano, o bicho terá de levar em conta acidentes que o homem ignorou. Reentrâncias não serão saltadas, mas percorridas. A linha descrita pelo lagarto será

mais irregular e mais longa do que a do homem. Mais extensa ainda será a linha da formiga, que perceberá um seixo como relevo, como caminho a ser vencido.

A costa da Grã-Bretanha não tem um comprimento intrínseco, disse Mandelbrot. A medida do homem é antropocêntrica, uma entre tantas outras. O comprimento do litoral dependerá do Wagramensor, da abertura do compasso – as pernas do homem, do lagarto, da formiga. Será menor a estimativa para o pássaro do que para o cão. Quanto maior o número de obstáculos percebidos, maior a extensão da costa, que, no limite, tenderá ao infinito.

“Qual tamanho tem?” se transformaria, então, em outra pergunta: “Visto de onde?” Visto do espaço, um Fusca é um ponto e tem dimensão zero. Do céu, pode ganhar extensão e ter duas dimensões. Do chão é tridimensional. De mais perto, do ponto de vista da formiga que caminha sobre a superfície lisa do para-lama, perde a terceira dimensão, volta a ser um plano. A escala é determinante.

SALLES, João Moreira. **Intuições fractais**. 2010. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/intuicoes-fractais/>. Acesso em: 03 maio 2020. (1)

Vejo um paralelo entre essa forma de entender a dimensão das coisas e a forma como eu busco explorar, observar e caminhar pelo território; percorrer suas reentrâncias e ter o próprio caminho como assunto. Quanto mais prestamos atenção no caminho, maior ele parece ser.

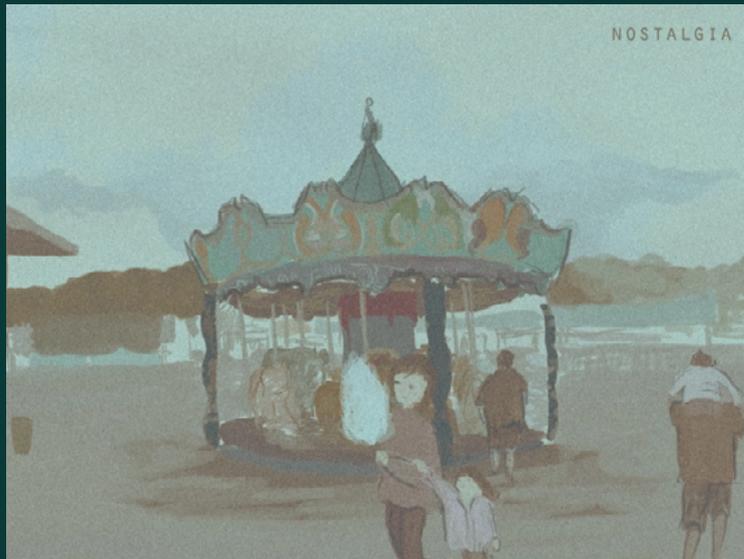
365 DIAS EM SÃO PAULO (2013)

Em 2013, dei início ao meu primeiro projeto que envolvia caminhada, no qual me propus a fazer um desenho por dia relacionado às minhas experiências na cidade. Era um olhar que percorria reentrâncias, e esse olhar disparava registros a partir de ressonâncias. Esboçava na rua, terminava no computador.

Não desenhei obras, museus, pontos turísticos, mas desenhei cenas que via se repetir no cotidiano, cenas e gestos que para mim estavam todo dia presente assim como um monumento estaria.

Consegui completar 151 dias. Esse exercício me colocou em um lugar de observação intencional do cotidiano, e também me fez começar a usar cadernos para registrar e esboçar rapidamente – um hábito que nunca mais abandonei.





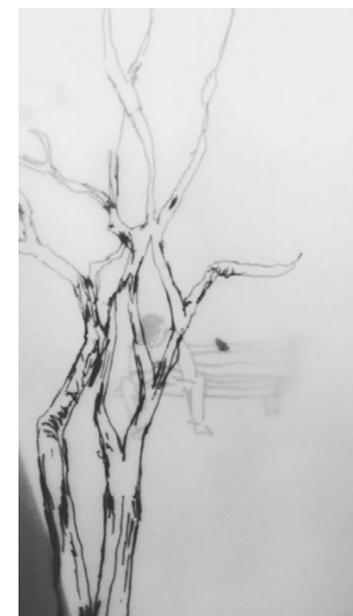
Livro de artista

Como projeto de conclusão de curso na graduação de Artes Visuais pela UNESP (2016), debrucei-me sobre livros de artista, sobreposição e translucência. Em meu trabalho, com frequência utilizo a forma de livros, não como um suporte somente, mas como um espaço poético, com elementos que se desdobram no espaço e no tempo (como uma caminhada), com corpo presente. O livro também possibilita a visão de parte e do todo (relação micro-macro), como se a parte fosse o menor e o todo fosse o desenho que a caminhada traçou na paisagem.

Quando pegamos um livro em nossas mãos, qualquer livro que seja, ele é um volume no espaço. Porém um espaço ainda fechado, um volume ainda encerrado. A partir do instante em que se pega o livro e abrimos sua primeira página, o tempo é inaugurado. E a partir daí, acontecimentos narrativos vão se desfiando pelas mãos, desafiando problemáticas espaçotemporais onde as superfícies em movimento se abrem em temporalidades, propiciando ao leitor-maestro a execução de uma série de coreografias geradas pelo livro-partitura. O livro se torna um propositor.

DERDYK, Edith. **A narrativa nos livros de artista:** por uma partitura coreográfica nas páginas de um livro. Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p.164- 173, maio 2012. (2)

No processo, fiz alguns estudos com transparência e como essa característica poderia dar novas possibilidades para registrar espaços, tempos e interstícios.





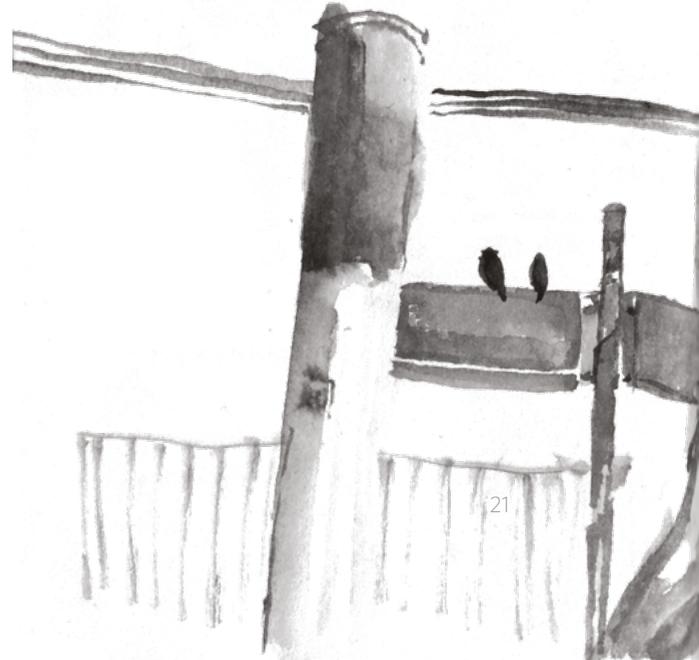
CIDADE (IN)VISÍVEL (O LIVRO)

O trabalho final da graduação foi o *cidade (in)visível*, um livro sanfonado em papel com transparência, com cenas coletadas em caminhadas pela cidade.

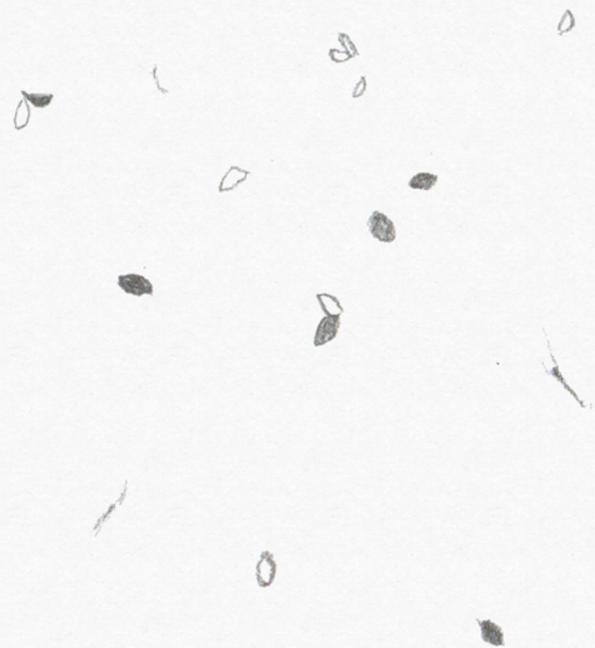
CIDADE (IN)VISÍVEL (O PROJETO)

Após a graduação, continuei com os desenhos cotidianos no Instagram, em que minha conta era um caderno aberto com registros quase diários – registros estes, principalmente, de cenas suspensas, cenas que aconteciam entre coisas – como trajetos, esperas (do ônibus, de filas, de pessoas, etc) e a hora do almoço na Praça Cornélia (praça próxima ao meu local de trabalho na época). Esses registros resultaram em diversos zines e livrinhos.









em 6 minutos, cerca de
13 folhas caíram.

tentar ver o exato momento em que uma folha
cai e conseguir deve ser tão provável quanto
acertar o momento em que uma estrela aparece
à noite.



meio

(vivências na
A Casa Tombada)



Registro de enunciado no primeiro encontro da pós.

Dois anos após o fim da graduação, encontrei o curso da pós *Caminhada como método para a arte e educação* na A Casa Tombada. Estava em busca de me aprofundar na pesquisa

Penso no caminhar como uma ação de travessia — de espaços, de pensamentos, de narrativas; uma forma de experiência de alteridade na cidade e do cotidiano. Trabalho em projetos pessoais de desenho e escrita em publicações independentes que já envolvem de alguma forma o caminhar e o espaço (urbano ou não), e pretendo fazer uma imersão nesse campo, com pesquisa e trocas com pessoas que são grandes referências para mim.

O texto acima é um recorte da minha carta de intenção para entrada no curso. Hoje, quando estou quase concluindo a jornada na A Casa Tombada, vejo que o meu desejo de imersão foi alcançado de maneiras que, naquela época, eu nem podia imaginar.

A caminhada das possibilidades

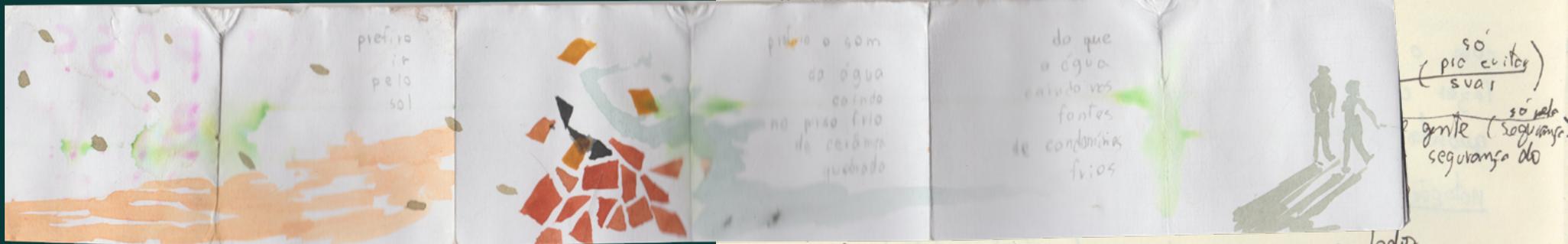
A primeira caminhada que fizemos talvez tenha sido a que mais me marcou. O exercício era: caminhar por 1 hora, da forma como quiséssemos. Saí da A Casa Tombada e o enunciado que defini enquanto caminhava foi a *caminhada das possibilidades*, uma caminhada guiada por ressonâncias. Tinha em mente o seguinte poema de Wislawa Szymborska:

POSSIBILIDADES - WISLAWA SZYMBORSKA

Prefiro o cinema.
Prefiro os gatos.
Prefiro os carvalhos sobre o Warta.
Prefiro Dickens a Dostoiévski.
Prefiro-me gostando das pessoas
do que amando a humanidade.
Prefiro ter agulha e linha à mão.
Prefiro a cor verde.
Prefiro não achar
que a razão é culpada de tudo.
Prefiro as exceções.
Prefiro sair mais cedo.
Prefiro conversar sobre outra coisa com os médicos.

Prefiro as velhas ilustrações listradas.
Prefiro o ridículo de escrever poemas
ao ridículo de não escrevê-los.
Prefiro, no amor, os aniversários não marcados,
para celebrá-los todos os dias.
Prefiro os moralistas
que nada me prometem.
Prefiro a bondade astuta à confiante demais.
Prefiro a terra à paisana.
Prefiro os países conquistados aos conquistadores.
Prefiro guardar certa reserva.
Prefiro o inferno do caos ao inferno da ordem.
Prefiro os contos de Grimm às manchetes dos jornais.
Prefiro as folhas sem flores às flores sem folhas.
Prefiro os cães sem a cauda cortada.
Prefiro os olhos claros porque os tenho escuros.
Prefiro as gavetas.
Prefiro muitas coisas que aqui não mencionei aqui
a muitas outras também não mencionadas.
Prefiro os zeros soltos
do que postos em fila para formar cifras.
Prefiro o tempo dos insetos ao das estrelas.
Prefiro bater na madeira.
Prefiro não perguntar quanto tempo ainda e quando.
Prefiro ponderar a própria possibilidade
do ser ter sua razão

SZYMBORSKA, Wislawa. **Poemas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 168 p. v. 1. ISBN 9788535919578. (3)



Eu venho de um ensino e uma educação que preza muito a função e resultado. De repente, encontro-me em um ambiente em que o exercício pede para que se caminhe sem direção, ou que se perca, ou que não se faça, necessariamente, o que se espera que se faça. Isso cria algo como um destino ausente - uma "ausência" que, percebi depois, é importante que exista. Precisamos de vazio para nos movimentar também.

Escolher como caminhar. Por mais que já entendesse que a caminhada poderia ser mais do que ir de um ponto A a um ponto B, não havia até então definido, para mim mesma, um enunciado durante uma caminhada. Percebi que enunciados poderiam ser uma forma de expandir ainda mais as possibilidades da minha pesquisa.

Lembro da sensação de estado de suspensão que tive naquele dia, uma pequena fenda no tempo em uma tarde dourada. Lembro de parar em uma rua coberta por árvores, sentar em uma calçada sob a luz filtrada do sol que dançava no meio-fio e pensar: parece generoso comigo mesma sentar aqui e não pensar em nada além do quão generoso comigo mesma é sentar aqui.

prefiro as patas da vaca brancas e para os lados
 prefiro olhar para cima ou para baixo antes de olhar para frente
 prefiro o silêncio da tarde ao silêncio da noite
 prefiro

estranho o silêncio de casas grandes ~~em~~ ruas vazias
 e o som do ~~seus~~ ^{seus esposos} ~~suas~~ ^{ausência} vozes vazias

prefiro o silêncio de casas pequenas e o som da habitação
 prefiro parar para cumprimentar animais.

o tempo contou enquanto sabia onde estava e sabia que não tinha encontrado um lugar.

~~na e o início de um grande cacho~~

prefiro uma senhora de cabelos brancos e olhos azuis
 com pouco vento de um pombo com xiu ao correr que apenas avança. prefiro a escola humilde a escola dos carros.

prefiro parar para cumprimentar animais.

cumprimentei. um cachorro grande e branco, parecia a priscila e escurado. Tsc, tsc. ^{essencial}
 vivendo as coisas, a amizade estava estabelecida.
 seguiu. mais curvas. a luz filtrada do sol. os interstícios das folhas dançando no chão lembram o mar. mais curvas e coisas

Onde está o sul?

Logo no início do curso, em setembro de 2018, tivemos um encontro com a Gabriela Leirias (artista, pesquisadora e educadora), no qual ela propôs um enunciado no qual sorteávamos alguns jogos urbanos. No sorteio em grupo, ganhamos a seguinte proposta: sair da A Casa Tombada e perguntar na rua para onde ficava o sul.

Nesse dia, eu optei por perguntar para o próprio espaço. Entrei no Parque da Água Branca e busquei líquens nas árvores. Os líquens e os musgos preferem o lado sombreado de árvores e pedras e, portanto, podem ser encontrados mais facilmente para o sul (no hemisfério sul).

Esse foi um dos enunciados que foram muito especiais para mim no sentido de me fazerem sentir em uma direção certa, apesar de na época eu não saber identificar exatamente a origem dessa sensação.

Qual seria o meu sul (ou norte) durante a caminhada da pós, o que norteava (e norteia) minha produção?

Assim como nesse enunciado o espaço, através dos líquens, me deu uma resposta, ao longo dos encontros as próprias experiências foram tornando mais clara a constelação de assuntos que me norteiam, e são esses assuntos que apresento a seguir.



Registro fotográfico do enunciado "Onde está o sul?"

O FAZER NADA

Em outubro de 2018, fizemos uma caminhada com a Natalia Barros (poeta, cantora e paisagista), cujo enunciado era escrever enquanto caminhávamos.

A imagem na página seguinte é um dos registros dessa caminhada. Ao andar pelo Parque da Água Branca, passei por um casal que discutia a dinâmica de caminhar dos patos. Achei curiosa a discussão, uma discussão que me pareceu quase como um ato de generosidade na ordem das coisas, uma discussão da qual eu gostaria de fazer parte. Fiquei pensando que, sob outros olhares, aquele casal estava discutindo sobre nada.

Em 2008, Pilvi Takala, uma artista finlandesa, em colaboração com uma firma de contabilidade, fez uma performance na qual ela atuava como uma nova funcionária do setor do marketing da empresa - poucas pessoas sabiam da natureza de sua presença ali. Ela dizia estar trabalhando em sua tese e atuava com métodos peculiares, como passar o dia inteiro dentro de um elevador (explicando, para quem a questionava, que queria experimentar o movimento dele para pensar, assim como faríamos com o movimento de um trem) ou passar o dia todo sentada, olhando para o nada. Ao perguntarem para ela o que ela estava fazendo, ela respondia: trabalho de pensamento. A ausência de ação visível na atuação dela gerou muita curiosidade, que logo se transformou em desconforto, irritação e reclamações por parte dos funcionários. Na descrição do registro de sua performance, a artista comenta que, no ambiente de trabalho, disfarçar a preguiça em atividades aparentes e utilizar redes sociais durante o expediente são padrões



um casal discute a
dinâmica de caminhar
dos patos.

conduzem que a galinha
anda melhor na terra
e parte deviam nadar.

quando paramos para
pensar nisso?

de comportamento aceitáveis. Porém, ficar sentada sem fazer nada, apenas pensando, ameaça a paz do ambiente e atinge a concentração dos colegas de trabalho.

Segundo Pivli:

O que provoca as pessoas nessa questão do “fazer nada”, além do estranhamento, é o elemento de resistência. A pessoa que não faz nada não está comprometida com nenhuma atividade, então ela tem o potencial para qualquer coisa. É o “não fazer nada” que não tem um lugar na ordem geral das coisas e, portanto, é uma ameaça para a ordem. É fácil erradicar qualquer atividade anti-ordem contínua, mas o potencial para *qualquer coisa* é um estímulo constante sem uma solução.

TAKALA, Pilvi. **The Trainee**. 2008. Disponível em: <https://pilvitakala.com/the-trainee>. Acesso em: 01 ago. 2020. Tradução nossa. (4)

Essa performance me faz pensar no desconforto que o “fazer nada” gera e na potência que ele carrega. Mais de uma vez, durante as caminhadas que fizemos com o grupo, percebemos estranhamento e, em alguns casos, desconforto com a forma com que caminhamos ou com o uso que fizemos (ou deixamos de fazer) do espaço – como se a firma de contabilidade fosse o espaço pelo qual caminhamos, e a trainee fôssemos nós.

Horas de almoço, tardes no parque, esperas em filas. Tanto como método, tanto como assunto, o “fazer nada” parece aparecer constantemente no meu trabalho. Porém, nunca vi esse nada como um nada esvaziado, mas sim algo que ocupa um lugar entre a função e o ócio, um terceiro lugar. Comecei a notar cada vez

mais semelhanças nas questões que circundam o “fazer nada” e o caminhar, e busquei me aproximar desse assunto na pesquisa de Jenny Odell em “How to do nothing – Resisting the attention economy (2019)”.

Em sua obra, a autora aborda as relações do fazer nada com a economia da atenção, em um cenário em que cada vez mais nossa atenção é o alvo de uma lógica capitalista que lucra com ansiedade, medo e distração, sob máscaras como produtividade, conectividade e a ideia de empreendedorismo pessoal – empreendedorismo esse que nos faz pensar que, ao acordamos, já poderíamos estar produzindo algo e gerando valor para alguém. Nesse meio, fazer nada custa caro.

Logo na introdução de seu livro, ela conta a história de uma famosa sequoia em Oakland, chamada Velha Sobrevivente. A árvore, hoje com mais de 500 anos, resistiu às madeireiras porque, na época, parecia pequena demais e provavelmente não acharam que daria boa madeira, além de que o seu acesso era difícil e escorregadio. Ela compara a história dessa árvore a um escrito atribuído a Zhuang Zhou, sobre uma grande e velha árvore, com troncos retorcidos, que é declarada inútil por um lenhador. Na história, o lenhador tem um sonho com a árvore, que o questiona sobre o que é ser útil – afinal, ela continuava ali, viva, enquanto as árvores frutíferas e de boa madeira eram constantemente devastadas. Útil para quem? Existe uma diferença entre valor e utilidade, e ser “inútil” foi a forma que a árvore encontrou de sobreviver. A autora comenta, então sobre a ideia de resistência-no-lugar, ou resistência aplicada.

A ideia de resistência aplicada. Se colocar em posição de resistência é tornar-se uma forma que não possa ser facilmente apropriada pelo o sistema de valor capitalista. Negar o que nos enquadra e as referências, negar a referência de que o valor é determinado pela produtividade, a força da carreira de uma pessoa e o empreendedorismo pessoal. Resistir-no-lugar significa abraçar e tentar habitar ideias mais difusas, como a ideia de manutenção como produtividade, a importância da comunicação não verbal e da mera experiência da vida como o objetivo maior. Reconhecer que a identidade de uma pessoa é mutável, maior que algoritmos e não acaba nas fronteiras do individual.

ODELL, Jenny. **How to do nothing**: resisting the attention economy. Brooklyn, Ny: Melville House, 2019. p. 15. Tradução nossa. (5)

Não poderia ler esse trecho sem lembrar de uma de nossas caminhadas em grupo, em um enunciado proposto pela Edith: o grupo inteiro estava entrelaçado por um elástico, e caminhou assim por algum tempo, como um organismo, com tensões e relaxamentos ditando o ritmo do caminhar, tentando entender os nossos corpos e os dos outros. Gosto de pensar que quando a gente (tanto individual quanto coletivamente) se propõe a caminhar de uma forma diferente do que é convencional, quando a gente se propõe pensar o espaço em que vivemos e a forma como usamos e ocupamos ele, quando nos aproximamos do assunto da caminhada sob o viés de tantos campos do conhecimento, quando nos damos tempo e espaço para criar e viver experiências e exercitar a nossa atenção, de alguma maneira resistimos no lugar

e tomamos (literalmente ou não) uma forma que não pode ser facilmente apropriada por um sistema que descarta tudo que não é produtivo, rentável ou passível de ser mensurado.

A autora iniciou a escrita do livro durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos, em 2016. Muito do contexto que ela traz para a escrita é relacionável com o que foi atravessar as eleições presidenciais de 2018 no Brasil. Coincidentemente, a nossa pós teve início pouco antes do período das eleições e, para mim, ela foi essencial na criação de espaços muito importantes para aquele período: espaços de atenção.

Nós somos assolados com conversas sem sentido, quantidades insanas de palavras e imagens. A estupidez nunca é cega ou muda. Então não é uma questão de fazer com que as pessoas se expressem, mas sim de providenciar pequenas lacunas de solidão e silêncio nos quais elas podem eventualmente encontrar algo para dizer. Forças repressivas não impedem as pessoas de se expressar, elas as forçam a se expressar; que alívio não ter nada para dizer, o direito de não dizer nada, porque só então há uma chance de se enquadrar aquela (cada vez mais rara) coisa que pode valer a pena ser dita.

DELEUZE, Gilles. **Negotiations**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1995, p. 129, apud ODELL, 2019, p. 24. Tradução nossa. (6)

A ATENÇÃO

Recentemente, participei de um curso chamado “Como sumir: minicurso de introdução a Simone Weil”, ministrado por Leda Cartum e Sofia Nestrovski pela Taperá Taperá, que aborda alguns trechos do livro “O peso e a gravidade” de Simone Weil. Partindo de uma citação da autora, sobre como “o belo é algo em que podemos prestar atenção”, elas diferenciam os modos de se aproximar de um fenômeno. O primeiro é através de uma atenção que usa da inteligência para entender, explicar e consumir o que está sendo observado – ou seja, uma inteligência que ocupa todo o espaço entre nós e aquilo que estamos observando. O segundo é através de uma inteligência que não busca encontrar, que não se dispersa, mas sim espera que jorre a luz – ou seja, uma inteligência que deixa espaço para que outras coisas aconteçam.

Quando escutamos Bach ou uma melodia gregoriana, todas as faculdades da alma se tensionam e se calam, cada uma à sua maneira, para apreender essa coisa perfeitamente bela. Entre outras, a inteligência: ela não encontra ali nada para afirmar nem para negar; mas ela se alimenta disso.

WEIL, Simone. **O peso e a graça**. São Paulo: Chão da feira, 2020, 224 p. (7)

Leda e Sofia citam o consumo como forma de impiedade com as coisas que existem. Criar espaço para o silêncio e abaixar essa forma de inteligência que esgota o seu alvo permite que as coisas possam existir por elas mesmas.

Trazendo essa ideia para a nossa atualidade, Leda e Sofia lembram que na nossa rotina, muitas vezes, a nossa atenção é minada por manchetes extremas (vindas de uma realidade extrema), e o exercício da atenção que cria espaço, que deixa vazios, se torna um tanto difícil. É preciso resistir para não se dispersar e para que nossos espaços internos não sejam totalmente ocupados por informações que nos paralisem.

Elas também questionam se o tema da não ação, do desaparecimento (do indivíduo em relação ao objeto observado), não poderia ser um tema com os quais as mulheres teriam mais sensibilidade. Por exemplo, o trabalho doméstico foi e continua sendo um tipo de trabalho invisível. Quando pensamos em grandes feitos, em grandes obras, pensamos em parâmetros do mundo masculino (por exemplo; Mozart, Einstein, Shakespeare, etc), e então buscamos uma mulher que tenha feito algum trabalho na mesma época e com a mesma “grandeza”. Como definimos o que é um trabalho e o que é uma vida que realizou algo, quando sabemos que mulheres sempre realizaram muito o tempo todo e em todo lugar? Segundo a análise das educadoras, Simone pensa que as coisas cotidianas estão relacionadas com e podem ser chamadas de *belo* – isso abre espaço para que outras coisas entrem nessa definição e também para que trabalhos invisíveis sejam vistos sem serem colocados nos parâmetros das grandes obras.

O cotidiano, o invisível e as pequenas coisas são elementos que se tornam mais visíveis quando nossa atenção está presente.

Em novembro de 2018, visitamos a Kaaysá Art Residency, em São Sebastião, litoral norte de São Paulo. Foram dois dias de atravessamentos – tanto atravessar o espaço quanto sermos atravessadas por ele. Assim como a conversa sobre a dinâmica de caminhar dos patos em uma tarde de sol no parque, todas as caminhadas que fizemos naquela residência me pareceram um grande ato de generosidade com a nossa atenção.

Em uma delas, andávamos em dupla pela trilha (em meio à mata atlântica), e uma descrevia para a outra o que percebia do caminho sem citar o nome das coisas. Foi uma experiência de andar com o olhar e a percepção do outro. Lembrei dessa caminhada quando li o seguinte trecho em Odell (2019):

Uma coisa que aprendi sobre a atenção é que certas formas dela são contagiosas. Quando você passa tempo suficiente com alguém que presta uma atenção especial (se fosse comigo, seriam pássaros) a algo, você inevitavelmente começa a prestar atenção em algumas daquelas coisas também. Também aprendi que padrões de atenção – o que escolhemos perceber e o que escolhemos não perceber – são como nós renderizamos a realidade para nós mesmos, e assim temos uma relação direta com o que sentimos que é possível em um determinado momento. Esses aspectos, juntos, me sugerem um potencial revolucionário de retomar nossa atenção. Para a lógica capitalista, que prospera na miopia e na insatisfação, pode haver de fato algo perigoso em coisas como um pedestre não

fazendo nada: ao escaparmos lateralmente em direção ao outro, podemos descobrir que tudo o que queremos já está aqui.

ODELL, Jenny. **How to do nothing**: resisting the attention economy. Brooklyn, Ny: Melville House, 2019. p. 22. Tradução nossa. (5)

Esse tipo de experiência parece aumentar o nosso vocabulário de sensibilidade. Odell (2019) fala que certas atividades podem aumentar a granularidade de nossa percepção. Ela exemplifica com algo que lhe é próximo, a observação de pássaros. Ao passar a identificar os cantos das aves, aqueles sons deixam de exigir esforços para serem reconhecidos e passam a ser registrados como a própria fala (uma sensação parecida com aquela quando finalmente aprendemos um novo idioma).

Um outro exercício que fizemos foi o de observação longa de nossas coletas (folhas e objetos da mata). Passamos longas horas, seguidas, desenhando e registrando o que havíamos coletado. Um exercício de caminhar com o olhar e com a atenção.

E não foi só o olhar que exercitamos na residência: também fizemos uma caminhada de olhos fechados, em dupla (em que uma cuidava da outra), na praia. Sentir o horizonte com os pés.

Foram experiências valiosas para aumentar o nosso vocabulário de leitura e entendimento do espaço e aprender com a sensibilidades dos outros.

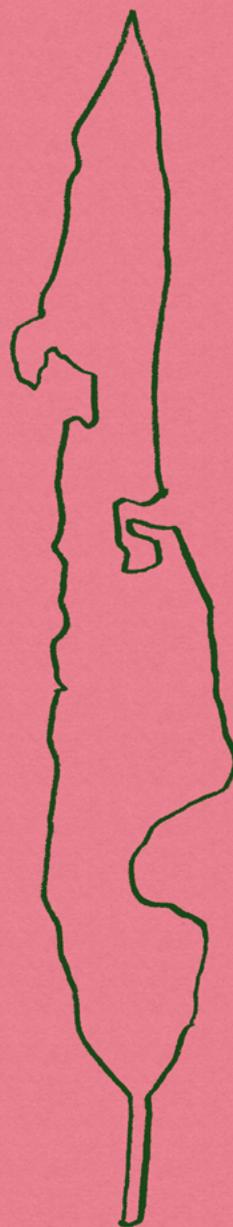
Nas páginas seguintes, apresento alguns dos registros e trabalhos feitos na residência.



M
↑
3:1



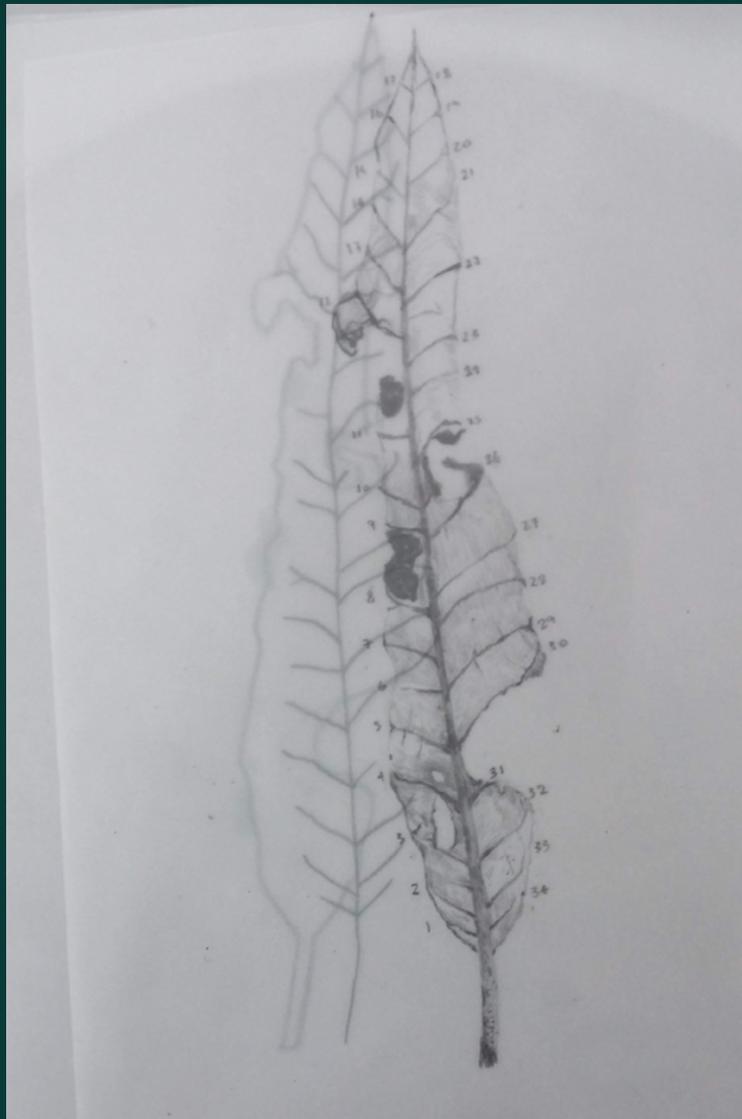
CAMINHOS



FRONTEIRAS



ABISMOS

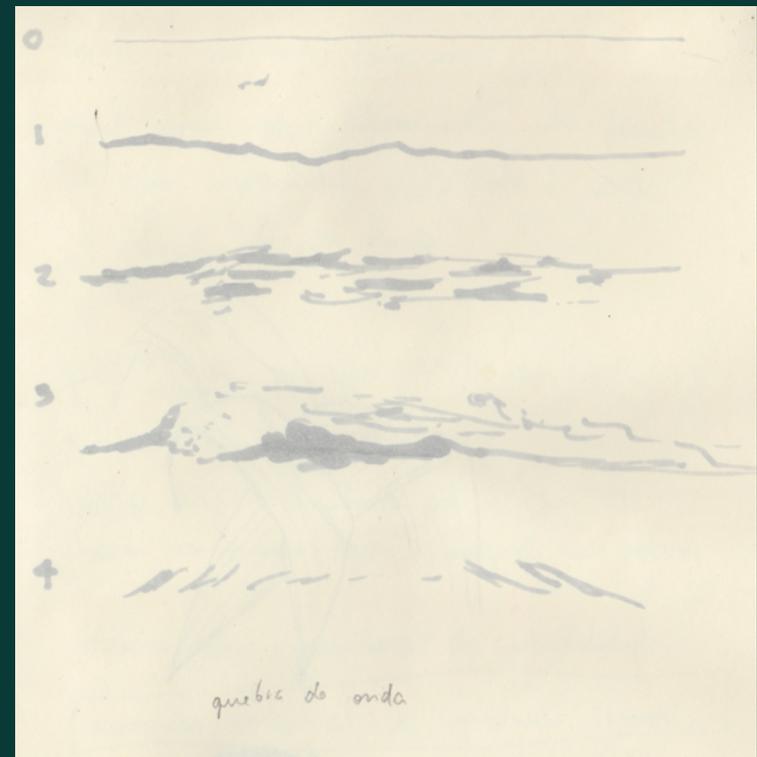


Mapeamento de folha.



Desenho de uma grande folha vista de longe. Registro à esquerda, folha à direita.

o vento desenha a onda
a onda circunda os pés
e os pés contraem horizontes.



Quando penso nas experiências de caminhada da pós, em geral, e dos inúmeros enunciados que nos foram sugeridos, lembro do seguinte texto de Sophia de Mello Breyner:

As grutas

O esplendor poisava solene sobre o mar. E - entre as duas pedras erguidas numa relação tão justa que é talvez ali o lugar da Balança onde o equilíbrio do homem com as coisas é medido - quase me cega a perfeição como um sol olhado de frente.

Mas logo as águas verdes em sua transparência me diluem e eu mergulho tocando o silêncio azul e rápido dos peixes. Porém a beleza não é só solene mas também inumerável. De forma em forma vejo o mundo nascer e ser criado. Um grande rascasso vermelho passa em frente de mim que nunca antes o imaginara. Limpa, a luz recorta promontórios e rochedos. E tudo igual a um sonho extremamente lúcido e acordado. Sem dúvida um novo mundo nos pede novas palavras, porém é tão grande o silêncio e tão clara a transparência que eu muda encosto a minha cara na superfície das águas lisas como um chão.

As imagens atravessam os meus olhos e caminham para além de mim. Talvez eu vá ficando igual à almadilha da qual os pescadores dizem ser apenas água.

[...]

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Livro Sexto**. As grutas. 1962. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/50727/as-grutas>. Acesso em: 04 ago. 2020. (8)

Quando nos damos o tempo de passear por uma folha? Ou observar a quebra de uma onda por tanto tempo que passamos a nos sentir onda e nos sentir a pedra da qual a onda bate?

Cada enunciado e cada um desses pequenos momentos foram como retiros, como um retiro que faríamos eu uma viagem de fim de semana para espairecer, mas em uma escala menor e sem fugir do local em que estamos. Eles permitem que a gente saia da normalidade e volte diferente, eles abrem espaço para mudanças. Eles nos fazem não querer fugir do mundo, ao mesmo tempo que nos fazem não querer participar do mundo como ele é agora, mas faz com que queiramos participar do mundo de uma forma diferente e nos permite construir as ferramentas para isso.

A Casa Tombada e todos que participaram da pós “Caminhada como método para a arte e a educação”, a Edith, os convidados e o nosso grupo formaram, para mim, uma importante rede de apoio que tornou possível um espaço valioso de recusa do tempo acelerado, rentável e produtivo e abriu caminho para a atenção, a percepção e a reflexão.

Agradeço a todos que me auxiliaram nessa abertura de espaços, afinal, abrir espaço é importante para imaginarmos outras realidades possíveis.

Próximos passos

Estamos na reta final dessa jornada, mas de forma alguma da caminhada (que vai continuar), e tive a necessidade de amarrar o que foi apresentado durante o curso de alguma forma, para ter este ponto como um menir e seguir a partir disso.

Ao refletir sobre o que poderia ser esse trabalho de conclusão, pensei que seria muito importante que fosse aberto para possibilidades, um trabalho que amarrasse as experiências de alguma forma (no sentido de registrar) mas que deixasse uma brecha para a continuidade, para possibilidades e enunciados diferentes. O resultado foi a criação de uma publicação digital, que apresento a seguir.

Cartas erráticas

O QUE É

Uma publicação sobre o caminhar. Mais especificamente, uma publicação trimestral digital (em formato de newsletter, daí o nome 'cartas'). Cada carta ficará registrada em um site também.

Ao final de cada ano das cartas, haverá uma publicação impressa, uma forma de trazer materialidade para os trabalhos.

A publicação é uma forma de continuar a produção, de sempre buscar novos conteúdos, novos enunciados, de seguir caminhando.

Com exceção de um enunciado fixo, a ideia é que a estrutura não seja fixa, podendo conter elementos variados de acordo com as edições. O que apresento a seguir são os elementos possíveis para as cartas.

CARTAS ERRÁTICAS

ENUNCIADO

a única parte fixa das cartas. um enunciado relacionado ao caminhar que instigue experiências e o registro das mesmas (produção autoral). um convite também para que as pessoas também realizem esses enunciados.

CONTEÚDO TEÓRICO

busca em referências e inspirações para pensar o enunciado e levantar novas questões sobre os temas abordados.

CADERNO DE CAMINHANTE

um excerto do meu caderno de caminhante, sejam registros visuais ou escritos. a ideia é que as cartas sejam um espaço também para mostrar processo.

INVENTÁRIO

um objeto ou situação observado sob um olhar demorado, destrinchado. algo como um dicionário das coisas.

LEITURAS/ DICAS

produção artística de outras pessoas, trechos de leituras sobre o caminhar e dicas de conteúdo relacionados, como exposições, filmes, artigos, entre outros.

A primeira edição da carta
pode ser vista em:

www.alineshinzato.com/cartas-erraticas

Bibliografia

SALLES, João Moreira. **Intuições fractais**. 2010. Disponível em:
<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/intuicoes-fractais/>.
Acesso em: 03 maio 2020. (1)

DERDYK, Edith. **A narrativa nos livros de artista**: por uma partitura coreográfica nas páginas de um livro. Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p.164- 173, maio 2012. (2)

SZYMBORSKA, Wislawa. **Poemas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 168 p. v. 1. ISBN 9788535919578. (3)

TAKALA, Pilvi. **The Trainee**. 2008. Disponível em:
<https://pilvitakala.com/the-trainee>. Acesso em: 01 ago. 2020.
Tradução nossa. (4)

ODELL, Jenny. **How to do nothing**: resisting the attention economy. Brooklyn, Ny: Melville House, 2019. 182 p. (5)

DELEUZE, Gilles. **Negotiations**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1995, p. 129, apud ODELL, 2019, p. 24. (6)

WEIL, Simone. **O peso e a graça**. São Paulo: Chão da feira, 2020, 224 p. (7)

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Livro Sexto**. As grutas. 1962. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/50727/as-grutas>. Acesso em: 04 ago. 2020. (8)

Aline Shinzato da Silva

Aluna

Edith Derdyk

Profa. Dra. Honoris Causa

Profª.Dra. Ângela Castelo Branco

Prof. Dr. Giuliano Tierno

Idealizadores e fundadores da A Casa Tombada

Gabriela Leirias

Leitora convidada

Sara de Melo

Leitora convidada